



A MATERNIDADE EM TRÊS GERAÇÕES DE MULHERES AFRO-DESCENDENTES DA LOCALIDADE DE PAU GRANDE, BAHIA

RABINOVICH, Elaine Pedreira

Psicóloga. Prof. do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador
elainepedreira@gmail.com.br

DINIS, Edite Luiz

Geógrafa, mestrado pela UFBA
dinizgeo@hotmail.com

BASTOS, Ana Cecília de Sousa

Psicóloga, prof. do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFBA
anaceciliabastos@gmail.com

530

RESUMO

Este estudo é parte de um projeto maior em que foram focalizadas as concepções sobre maternidade em várias gerações de mulheres. Três mulheres afro-descendentes de três gerações de uma mesma família, moradoras de um local semi-rural denominado Pau Grande, Litoral Norte da Bahia, foram entrevistadas quanto ao sentido por elas dado à maternidade, criação e educação, entre outros temas. Concluiu que, embora as entrevistadas não relatem ter havido grandes mudanças nos temas abordados através dos tempos, concordaram que as existentes ocorreram devido às mudanças nos modos de vida decorrentes de transformações sociais mais amplas referentes ao trabalho feminino e a questões de gênero. Contudo, devido a circunstâncias sociais e culturais, continuam a ser responsáveis como mães durante toda a sua vida.

Palavras-chave: maternidade; geração; família; mulheres afro-descendentes.

ABSTRACT

This study is part of a major project where there have been focused conceptions about motherhood in diverse generations of women. Three afro-descendent generations of women from one family, living in a semi-rural local named Pau Grande, North Seashore of Bahia, were interviewed about their meaning of motherhood, care and education. It concluded that, although the participants related no time differences in the focused topics, they agreed that the existing ones have occurred because of changes in ways of living due to wide social changes related to women work and to genre roles. However, due to social and cultural circumstances, they continue to be responsible as mothers through their entire lives.

Key words: motherhood, generation, family; afro-descendent women.



Este trabalho é fruto do projeto coordenado por Ana Cecília Bastos, denominado *A construção cultural da maternidade e da paternidade: contextos, significados e práticas ao longo do curso de vida* (CNPq, 2012-2015). Nesta pesquisa maior, orientada teoricamente pela Psicologia Cultural de base semiótica, foi proposto ser possível acompanhar a transição para a maternidade, em sua dinâmica, identificando os signos que regulam os sentimentos das mulheres, seus pensamentos e atos, analisando significados e práticas a eles relacionados. Utilizou-se o conceito de estágios da vida familiar definidos por processos de transição envolvendo novos modos de sentir, pensar e agir. Intensos processos de negociação ocorrem nos limites dos diversos sub-sistemas familiares – inclusive o subsistema mãe-criança (Cowan, 1991; Carter & McGoldrick, 1995).

Tornar-se mãe é um processo contínuo e central à família em todas as sociedades. Como uma mulher lida, através dos diferentes estágios de vida, com as demandas relacionadas à atividade maternal, além das interfaces com o trabalho, sobrevivência, feminilidade, com a própria “maternidade”?

Para discutir este processo, Bastos et al. (2014) analisaram, por meio de entrevistas narrativas, mães em diferentes estágios do curso de vida: A. na sua transição para a parentalidade; B. com crianças em idade escolar; C. com filhos indo para a idade adulta; D. pais com mais de 80 anos. Observaram haver um contraste comparando os estágios A e B versus o C e D, pois nos estágios iniciais o signo “Eu-mãe cuidadora” foi fortemente suportado pela congruência em relação às circunstâncias concretas da vida familiar, enquanto nos estágios C e D esta congruência não estava mais presente. Concluem que a maternidade é uma experiência que acontece tanto no domínio intra-psíquico quanto no relacional/ interpessoal, referindo-se à organização cotidiana e à manutenção da vida familiar, e que o significado dado à maternidade caminha na direção de uma característica mais abstrata com o passar dos anos. Ou seja: de cuidados práticos, exigidos pela vida cotidiana, passa a se apoiar em processos de auto-manutenção do signo maternidade por meio de elaborações que resultam em sínteses pessoais em direção de uma totalidade, embora mantendo o sentido de continuidade face às mudanças contínuas e contraditórias na vida.

O estudo aqui relatado é um estudo de caso que, embora oriundo do projeto geral, utilizou outro modo de acesso à temática, focalizando o entendimento de três gerações de mulheres afro-descendentes de uma mesma família sobre a maternidade, o cuidar e o educar por



meio de entrevistas livremente conduzidas no local de moradia das mesmas. As entrevistas estiveram centradas nos termos chave, porém se abriram para vários outros, como alimentação e festas, não transcritas no presente trabalho. O foco das entrevistas, mais do que transições, foram as mudanças nos costumes referidas pelas entrevistadas.

O LOCAL

Pau Grande é um “quase quilombo” localizado no município de Mata de São João, litoral Norte do Estado da Bahia. Quase-quilombo porque, embora tenha sido reconhecido como tal pela Fundação Palmares, seus moradores não conseguiram organizar uma Associação de Moradores, por estarem divididos, para apoiar a ação do poder federal encarregado de titular as terras. Esta divisão ocorreu devido à atuação do poder econômico e imobiliário que já os rondava por habitarem uma área em parte localizada em uma reserva florestal, uma APA; por estarem contíguos à região litorânea onde está localizada a Praia do Forte, antiga aldeia de pescadores e agora sofisticado lugarejo para veraneio à beira-mar, internacionalmente famosa; e pela já existência de um condomínio que aterrara várias de suas fontes (Diniz, 2007; Rabinovich, 2008).

Nesta localidade, realizamos diversas entrevistas com três gerações de mulheres de uma mesma família. Relataremos aqui a de D. Maria, sua filha e sua neta.

MÃE, AVÓ E BISAVÓ: É MÃE É QUEM TEM VONTADE DE SER MÃE. TODOS ME CHAMAM DE MÃE: FILHOS, NETOS E BISNETOS

No terraço de sua casa, ao cair da noite, D. Maria foi entrevistada por Elaine e Edite. D. Maria tem 66 anos, mora com um filho de 23 anos, teve nove filhos, dois maridos, 18 netos e cinco bisnetos. Além de mãe, avó, bisavó, foi parteira. D. Maria é magra, aparenta mais idade, e é muito ativa. Está sempre circulando.



Eu ando muito. Visito todo mundo. Quando vejo alguém doente, vou lá visitar. Rezo. Tiro reza na Igreja Católica. Danço. Vou pras festa, vou pra baile, vou pra forró, danço tudo, tudo para mim está bom.

As entrevistas foram centradas em torno do tema maternidade, criação e educação. Sobre ser mãe, afirmou a centralidade da maternidade em sua vida:

É a mãe é quem tem vontade de ser mãe. A gente tem nosso filho, sai, a mãe fica. Pelo dia e pela noite. Quando está trabalhando, não dorme direito, fica pensando o bom e o ruim. Onde está meu filho? O que está fazendo? Porque não vem para a casa?

Sobre a importância de ser mãe, seu orgulho está em ser chamada de mãe por todos, netos e bisnetos e pela força do significado de maternidade em si:

É ser mãe. Porque todos chamam de mãe. Até os bisnetos chamam de mãe. Não tive um filho em maternidade, tudo em casa. Ia buscar a parteira no Pau Grande, a dos Santos, ia buscar para pegar o menino e quando chegava, já tinha nascido. Porque N. Sra do Parto dava força para a criança nascer. Já tinha nascido! As meninas que eu peguei, me chama de mãe, também, as duas.

Como ela foi mãe pela primeira vez aos 15 anos e pela última vez, aos 43 anos, foi perguntado o que mudara no decorrer deste tempo em sua atividade como mãe:

Mudei porque naquele tempo não era como hoje. Eu batalhei muito para criar eles, lavava roupa de ganho para outros para criar eles, e o marido doente de Chagas, muito doente. Eu era o homem e a mulher. Todo mundo do Pau Grande e do Barreiro sabe da vivência como era. E eu ficava preocupada com os pequenos. Depois que eu passei por aqui, fiquei mais melhor. Como mãe, melhorou. Não era aquela coisa que eu fazia lá, aquela batalha que eu fazia.

Cuidar é se preocupar e garantir o bem estar dos filhos e netos. Mas sempre houve um espaço para o lazer e o olhar do entorno.

É lá olhar, ver, perguntar, tá mais melhor? Como passou a noite? Como passou o dia? Fazer aquela horinha e ir embora. Quando era pequeno, dar um banho, dar a comidinha, botar para dormir. Quando tava acordado, colocava no braço e ia na casa da vizinha pra passear. Brincava de folha, de carro, pegava, botava no colo, sacudia, falava com eles. E eu cuidando do meu que-fazer na cozinha. Hoje eu não estou nem aí.



Quanto a educar, frisa a ausência de punição.

Eu não, nunca bati nos meus filhos. Não mudou. Eu nunca batia neles porque não fazia, quando pequeno, muitas coisas errada. Eu reclamo, eles obedecem, porque eu estou certa. Os filhos têm de obedecer as mães. No errado, eu falo. Os netos quando chega aqui, me chama de mãe, e não de vó, entendeu? Tudo me chama de mãe. Mãe, mãe, mãe, mãe. Até os bisnetos, os pequenos. Vó é mãe duas vezes (ri). Então, eles me obedecem. Nunca diz nada.

534

A respeito da continuidade nos cuidados realizados pelas filhas, relata que estas criarem seus filhos como ela, assim como os bisnetos. Declara enfaticamente não tomar conta de bisnetos, embora tenha se ocupado com dois bisnetos enquanto as filhas (avós) estavam trabalhando.

Não tomo conta nem de neto nem dos bisnetos. Eu não, não tomo conta de ninguém.

Recebe uma aposentadoria do marido falecido e relata a diferença da época deste marido e da atual, onde é ajudada pelas filhas.

No tempo do primeiro marido, ele fazia as compras e bebia muito. Não tinha negócio de salário, era avulso. Ele fazia a feira. Hoje mudou porque quando eu quero um negócio assim, ou ela quer (uma das filhas), diz: vou dar para a minha mãe. Hoje mesmo, minha filha foi para Camaçari me acompanhar, que ela faz isso para a mãe. Quando precisa, eles me ajudam, e eu ajudo também. Eu estou ajudando ela.

Portanto, descreve um ciclo em que de “mãe de todos” está recebendo os frutos de ser atualmente cuidada por, se não todos, por muitos.

FILHA/MÃE/AVÓ: JÁ EU SOU DEPENDENTE DE MIM!

C. tem 45 anos. Mora na casa localizada ao lado da casa de sua mãe, dona Maria, ela, seu filho de 18 anos e o segundo marido, que não é o pai de seus filhos. As duas filhas habitam em casas separadas: uma está casada (25 anos) e mora mais longe e a outra (23 anos) tem um filho de nove anos e mora ao lado.



É tomar conta dos filhos, educar, cuidar da casa e dos filhos, botar no colégio, trabalhar para manter os filhos. Tomar conta é almoçar na hora certa, dar banho, mandar lavar as mãos e ficar em cima – tá na hora do colégio, presta atenção com quem anda. A maior preocupação é os estudos porque está aprendendo para trabalhar. Esse de 18 anos não quer estudar, parou, eu fico em cima ...

Observa-se a grande diferença em relação à sua mãe no referente à ênfase na educação formal e social, enquanto o educar não formal equivale a obedecer aos mais velhos e a regras.

Educar é... me obedecer, respeitar os outros, tudo o que eu falar me obedecer, não bulir no que é dos outros, é ensinar o certo, não ser arrogante e bruto.

Trabalha em uma pousada próxima, “*onde faz de tudo!*”, enquanto o marido trabalha também, ambos com carteira assinada. Cada um fica com o que ganha e dividem as despesas. Na hora das compras, dividem as contas de gás, de luz. Acrescenta:

Eu por acaso vou trabalhar e dar meu dinheiro aos outros? Eu mesma pago as contas e compro o que necessito. Gasto em comida, roupa, remédio, gás, energia. Dividimos nas compras. Os filhos são só meus, não do pai. Os três filhos são meus e a obrigação deles é minha. Se o marido quiser ajudar, ele pode, agradeço, mas ele não quer! Na hora do pagamento, eu quero dar tudo dividido, a briga é mais por minha parte. Ele tem mais do que eu, ele tem de assumir já que foi ele quem me procurou. Já eu sou dependente de mim!

Em relação à geração anterior, esta declaração: *já sou dependente de mim!* – é esclarecedora por cruzar dois conceitos: o de dependência e o de independência, o que não corresponde a uma independência, mas a uma mudança de quem se depende: depende de si, arvorada na auto-sustentação. Pode indicar um estágio de dependência de si anterior a um estágio de independência.

Revela uma centralidade na maternidade, como em sua mãe, - pode ser vista no modo como cria o filho - mas com uma diferença no posicionamento como mulher. Como mulher, ela parece mais dona de si, embora assim como para D. Maria, são os homens a circularem em torno dela.

Em relação aos cuidados dados e recebidos, ela cuida do filho e do neto, e se preocupa com a filha mãe do neto, que engravidou aos 14 anos, tendo 23 atualmente.



Eu ajudo mais uma, a outra não. A minha filha tem um filho que eu crio ele mais do que ela, Tenho mais condições de cuidar quanto de dar coisas. Uma, essa, não é responsável, a outra é. É responsável porque tem casa, tem trabalho, não ajudo muito. Essa, não cuida do filho como deveria cuidar: não se interessa em dar um banho, em de botar para escovar os dentes, ela tem de se preocupar! Como mora tudo muito junto (perto, casa colada), eu vejo, aquilo me incomoda. Ela sai de noite, leva ele; não bota para fazer o dever, deixa ficar jogando gude aí fora. No fim de semana, vai para festa e leva ele (menino tem nove anos).

No entanto, estabelece limites que avalia como fundamentais no referente à maternidade:

Não deixo ela deixar à noite aqui porque estou dando mais liberdade a ela. Ela tem de aprender a ter responsabilidade dela, se ela fizer por ela, ela não aprende.

Recebe atenção e cuidados da filha mais velha, e também se preocupa com ela.

Quando eu demoro para ir na casa dela, ela logo vem aqui me ver, ver o que está acontecendo. Quer sair de férias e está construindo a casa, me perguntou: eu disse, vá, minha filha, está precisando descansar ...

Refere mudanças na educação recebida e dada no tocante à força da tradição:

Era melhor educada, só saia mais ela (com a mãe), não andava só como anda hoje solto. A gente dava a bênção, agora não pede mais. Antes, não saía sem dizer. Agora sai e não dá explicação. A gente é mãe e não sabe onde ele anda.

Traz uma importante e elucidativa definição de maternidade:

Acho importante ser mãe porque tem mais responsabilidade, tem mais outro pensamento. Não ser mãe, não se liga a nada, só fica curtindo. Se tiver filho, tem de ter responsabilidade para cuidar do filho.

Essa definição de mãe como quem aprende a ter responsabilidade lança uma luz a respeito de muitas maternidades adolescentes nas classes populares: porque ser mãe é ser responsável, e aprender a ter responsabilidade, donde é uma maneira de a jovem se “integrar” à sociedade. Para ela, ter filho não pode estar separado do “ter uma casa”, e a mãe é quem toma



conta da casa. E tomar conta da casa requer responsabilidades. Portanto, ser mãe pode ser uma maneira de forçar a jovem a assumir responsabilidades.

Conjuntamente com sua mãe, revela a falta de importância dada ao homem, o patriarcado emergindo como uma forma de poder. Concomitantemente, em ambas as entrevistas, ressalta-se a super-proteção e o super-controle, aliás não efetivo, sobre o filho homem.

NETA: MÃE, NÃO SEI O QUE É

A neta de D. Maria tem 23 anos, um filho de nove anos, que teve aos 14 anos. Mora ela e o filho em uma casa contígua à de sua mãe, C.. É evidente sua mágoa em relação à sua mãe e também como o menino ocupa um lugar não de seu desejo. Ela é bonita, e ao falar do namorado, mostra-se mais feliz. *Estou namorando, mas não morando.* Uma tia, presente à entrevista, toma claramente uma atitude em sua defesa. Parece preocupar-se por ela.

Perguntada sobre o que é ser mãe, responde não saber responder, ser muito trabalho e responsabilidade. Relata o cotidiano seu e do filho:

Bota o café e vai pra escola. Dá trabalho tirar ele da cama, tem de gritar. Chega ao meio dia, toma banho, e vai de novo para a escola, De manhã, é o reforço. Chegou de volta, vai joga bola, gude, brincar com os amigos. Toma banho, toma café, vai assistir TV. Vê a novela das 7 e a das 9. Tem dia que ele perturba, desobedece, e eu dou uns tapinhas. Ele fica na minha mãe e em casa.

Para ela, cuidar é dar banho, dar comida, cortar as unhas e educar é torná-lo uma pessoa de bem. A avó o educa mais do que ela, dando-lhe carinho e protegendo-o: *ele corre para a casa dela, mesmo se ele está errado, ela protege.*

Sua situação de dependência da mãe se revela também em que é esta que sustenta o menino, pois

Minha mãe ajuda o menino, a comida e a roupa a ele, eu tenho que me virar.



Esta terceira entrevistada exemplifica o oposto das entrevistas anteriores por ser uma mãe que não quer ser mãe. No entanto, habita um entorno fortemente familiar em que está sendo protegida, assim como seu filho, por uma rede familiar ampla. A inserção semi-rural da localidade permite um tipo de relacionamento difícil no meio urbano, inclusive de liberdade de ação para as crianças.

COMENTANDO AS TRÊS ENTREVISTAS

Embora o sentido da maternidade, da criação e da educação permaneceu próximo nas várias gerações— exceto o da educação formal, mais valorizada atualmente – as entrevistadas concordaram ter ocorrido grandes transformações em suas vidas associadas ao trabalho feminino e à sua independência econômica.

Por tratar-se de um núcleo em que a tradição afro-descendente é forte, pode-se observar traços do que podemos denominar “matriarcado” em que cabe às mulheres o domínio na família. Temos, então, fortemente retratada a centralidade da maternidade quer na vida das mulheres quer na vida familiar. Os homens parecem circular em torno deste núcleo.

Assim, a entrevistada mais velha, já bisavó, mantém para si o título de “mãe de todos”, embora não queira se ocupar das lidas domésticas e queira estar livre para se dedicar aos seus interesses. No entanto, ainda “cuida” e se preocupa com o filho que com ela habita, com a filha, já avó, que mora ao seu lado, além das festas comunitárias e familiares que organiza e comanda.

Sua filha assume seu filho e o neto, de uma filha que o teve adolescente. Vive, pois, uma situação ambivalente pois, ao mesmo tempo que “responsabiliza” esta filha, protege o neto de ser descuidado por ela.

Não nos parece, assim, podermos dizer que os cuidados maternos caminham necessariamente de um domínio mais concreto para um mais abstrato, conforme a conclusão da pesquisa maior. Diríamos que as mães talvez gostassem que tal ocorresse, que se desobrigassem de ter de cuidar de filhos, netos e bisnetos, mas que circunstâncias sociais, e também culturais, as impedem ou constroem.



Não podemos deixar de anotar a diferença entre a primeira e a terceira gerações, ambas mães aos 14 anos, mas com ressonâncias e conteúdos totalmente diversos quanto a assumir e valorizar a maternidade.

O estudo da transição para a maternidade, em país tão culturalmente heterogêneo quanto o Brasil, não pode prescindir da pesquisa capaz de explorar a fundo contextos socioculturais específicos. O presente trabalho ajuda a preencher uma lacuna ainda não suficientemente tratada, especialmente se o problema é analisar mudanças ao longo do curso do desenvolvimento humano, considerando diferentes gerações.

O signo ‘cuidado’ parece estar indissociavelmente ligado à experiência da maternidade; contudo, como se conclui no presente estudo, esses nexos podem apontar para direções opostas. Nesse sentido, ressalta o desamparo que parece caracterizar crescentemente a situação da mulher: a mesma mulher que precocemente assume os encargos de cuidar de um bebê, que cuida das gerações mais velhas, pode se encontrar negligenciada no cuidado a si mesma, e não ter quem lhe dê o mesmo suporte à medida em que a idade avança. As mudanças no âmbito da família, o esgarçamento das redes sociais informais e a ainda precária estrutura de assistência por parte dos órgãos públicos concorrem para romper um “ciclo natural do cuidado”: “cuidado dos filhos que cuidarão de mim na velhice”. Esse fenômeno se expressa claramente na voz da geração intermediária.

Assim, a criação de novos signos e significados que sustentem o senso de ser mãe, no contexto estudado, permanece colada no concreto. Carter e McGoldrick (1995), ao comparar transições familiares entre famílias de classe média alta e famílias pobres, mencionam o fenômeno de um achatamento da experiência: na idade de 31 anos, enquanto na classe média as mulheres estão planejando se tornarem mães, nas famílias pobres já são avós. Esta é uma face dessa concretude que torna o cuidar de outros (mas não de si mesmas) uma imposição mais que uma escolha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, A. C., SANTOS, A. K., MENESES, S., ARAÚJO, J. “I-Mother the Caregiver”: How a Strong Sign Persists through Semiotic Self-Scaffolding along Life Transitions. In: K.R. Cabell, J. Valsiner, P. Marsico, C. Cornejo (Eds.). *Annals of Cultural Psychology: Exploring*



the Frontiers of Mind and Society. Volume 1: Making Meaning, Making Motherhood. Charlotte, NC: Information Age Publishing, 2014.

CARTER, B., MCGOLDRIK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COWAN, P. A. Individual and family life transitions: a proposal for a new definition. *Em: P. A. COWAN & E. M. HETHERINGTON (Eds.) Family Transitions.* Hilldale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1991.

DINIZ, E. L. *Tapera, Pau grande e Barreiro: uma geohistória da resistência de comunidades tradicionais no litoral norte da Bahia.* Dissertação (Mestrado): Departamento de Geografia, Universidade da Bahia. Salvador, 2007.

RABINOVICH, E. P. O comum em uma comunidade quilombola baiana no século XXI: o terreiro de Candomblé. *Memorandum 14.* Belo Horizonte, UFMG, 2008, p. 86-102.